



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL-
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA**

PAULO SÉRGIO DA SILVA SANTOS

**IMAGENS QUE SANGRAM: REFLEXÕES SOBRE A ORDEM DA SANTA
CRUZ DE AURORA (CE) E SUAS PRÁTICAS E PERFORMANCES NA
SEXTA-FEIRA SANTA (2018)**

**CAMPINA GRANDE
2022**

PAULO SÉRGIO DA SILVA SANTOS

**IMAGENS QUE SANGRAM: REFLEXÕES SOBRE A ORDEM DA SANTA
CRUZ DE AURORA (CE) E SUAS PRÁTICAS E PERFORMANCES NA
SEXTA-FEIRA SANTA (2018)**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista.

Linha de pesquisa: Espaços, cultura e sociabilidades

Orientadora: Prof. Ma. Thuca Kércia Morais de Lima

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237i Santos, Paulo Sérgio da Silva.
Imagens que sangram [manuscrito] : reflexões sobre a
Ordem da Santa Cruz de Aurora (CE) e suas práticas e
performances na sexta-feira santa (2018) / Paulo Sérgio da
Silva Santos. - 2022.
26 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local,
Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Thuca Kércia Morais de Lima ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. História. 2. Penitente. 3. Religiosidade. I. Título

21. ed. CDD 907.2

PAULO SÉRGIO DA SILVA SANTOS

**IMAGENS QUE SANGRAM: REFLEXÕES SOBRE A ORDEM DA SANTA
CRUZ DE AURORA (CE) E SUAS PRÁTICAS E PERFORMANCES NA
SEXTA-FEIRA SANTA (2018)**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista.

Área de concentração: Espaços, cultura e sociabilidades

Aprovado em: 20/10/2022.

BANCA EXAMINADORA

Thuca Kércia Morais de Lima

Prof. Ma. Thuca Kércia Morais de Lima (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)/ Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Bruno Rafael de A. Gaudêncio

Prof. Dr. Bruno Rafael de A. Gaudêncio

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Bruna Cristina Nascimento Lima

Profa. Ma. Bruna Cristina Nascimento Lima

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Dedico aos meus familiares, aos penitentes da minha comunidade, a minha professora orientadora e a minha fé em Nossa Senhora da Rosa Mística pela sua égide.

Porque isto é o meu sangue, o sangue do novo
testamento, que é derramado por muitos, para
remissão dos pecados.

Mateus 26:28

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Penitentes segurando a santa cruz no altar do padre Cícero.....	11
Figura 2: Penitentes em flagelação.....	14
Figura 3: Penitentes ao início da autoflagelação	16
Figura 4: Os penitentes em oração	19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A AURA EM TORNO DOS PENITENTES: UMA FÉ NA CARNE.....	9
2.1 As práticas: o flagelo, a carne e o sangue.....	12
3 O SANGUE DA SEXTA-FEIRA SANTA.....	15
3.1 As performances desses penitentes: práticas, rituais e identidades	18
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

IMAGENS QUE SANGRAM: REFLEXÕES SOBRE A ORDEM DA SANTA CRUZ DE AURORA (CE) E SUAS PRÁTICAS E PERFORMANCES NA SEXTA-FEIRA SANTA (2018)

Paulo Sérgio da Silva Santos^{1*}

RESUMO

Esse artigo tem como força motriz o desenvolvimento de uma análise sobre a Ordem da Santa Cruz, da zona rural de Aurora na região do Cariri do estado do Ceará no tempo presente. E para isso é relevante o uso de experiências etnográficas com estes penitentes em momentos específicos e ricos simbolicamente como a sexta-feira santa de 2018. Destarte, é amparado em fontes visuais e suas aplicabilidades históricas e arcabouço de campos teóricos e metodológicos de uma história direcionada ao âmbito da religiosidade local. Outrossim, entender premissas como práticas, performances e identidades são norteadores deste artigo. Sobretudo, é uma produção que contempla o simbolismo, misticidade e a fé refletidas em corpos, almas e sangue.

Palavras-chave: História. Penitente. Religiosidade.

ABSTRACT

This article has as its driving force the development of an analysis on the Order of Santa Cruz, in the rural area of Aurora in the Cariri region today. And for that, it is necessary to use ethnographic experiences with these penitents in specific and symbolically rich moments such as Good Fridays (2018). Thus, it is supported by visual sources and their historical applicability and framing of theoretical and methodological fields of a history directed to the scope of local religiosity. Furthermore, premises of understanding such as practices, performances and identities guide this article. Above all, it is a production that celebrates the symbolism, mystique and faith reflected in bodies, souls and blood.

Keywords: History. Penitent. Religiosity.

“Semeia-se corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual”. 1 Coríntios 15:44

1 INTRODUÇÃO

No silêncio das noites, em conversas nas calçadas, nos olhares com receios, no imaginário popular da minha cidade e entre os curiosos, pesquisadores e historiadores sempre houve sempre um espaço dedicado aos penitentes. São

^{1*}Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e pós-graduando em Estudos de História local pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: tempospaulo@gmail.com

homens vistos como entidades sagradas consonantes com a cosmogonia da religiosidade local. Assim cresci embalado nessa aura mística, mítica, santa e discreta sobre os penitentes.

Nesta seara de identificação e significância do tema com as experiências do pesquisador com seu objeto de estudo surgem vivências e laços socioculturais, a exemplo dessa pesquisa é o caso de Silva em seu trabalho de conclusão de curso² ao qual comenta como seu contato primário com essa religiosidade:

Ao ver esta cena, lembrei-me que quando era criança ouvia dos “mais velhos” nas rotineiras rodas de conversa no terreiro de casa, sobre grupos muito frequentes nas quaresmas e semanas santas de outrora que já há muito não se via. Eram os Penitentes (SILVA, 2021, p. 13).

Dessa forma, é interessante como esses contatos com tais grupos, independente da região ou cidade, quase sempre ocorre por meio de experiências cotidianas na infância: um misto de encanto, medo e sedução.

Explicando em linhas gerais, *A Ordem da Santa Cruz* é composta por agricultores da zona rural aurorense, de idades díspares entre senhores e jovem no seu sítio, como também vão aos espaços urbanos sempre em horários noturnos e têm que alguma ligação com a religiosidade como cemitério da bailarina³, estátua do padre Cícero ou do Frei Damião, capelas etc.

Suas preces, benditos, preces, orações e práticas atravessam madrugadas, estradas, cemitérios, sítios, ruas, estátuas de santos e casas de taipa. Destarte, os penitentes estão nos medos, nas necessidades religiosas, das crenças aurorenses e também estão em lugares de ressonâncias identitárias, pesquisas, livros etc.

Cabe salientar que Aurora possui dois grupos bem estruturados e resquícios de outros na zona urbana⁴. Os penitentes analisados nesta pesquisa são da Ordem da Santa Cruz no sítio Salgadinho, costumeiro ser chamado de sítio Cobra ou região da Vila do Tipi. Um território fica à margem de uma estrada estadual na via de entrada e saída de Aurora CE em direção à cidade do Barro CE e ao estado da Paraíba.

Foi nas “travessias” entre idas e vindas de Cajazeiras PB também eram estradas de acesso às minhas mais antigas memórias de criança na casa do meu bisavô e os “causos” sobre os penitentes sempre vestidos de questões de medos, proibições e descrições. Como se fosse uma missão divina desses homens e tinham está cobertos pelos véus do sentimento do desconhecido, do estranho e do medo.

Assim, como uma criança ávida por descobertas, iniciei as minhas leituras, pesquisas e escritas sobre esse grupo de penitentes. Não é comum em um ensaio acadêmico científico da área da história a licença aos pares para uma escrita que delimite e comece uma escrita delimitando os interesses pessoais e socioculturais como ponto de partida. Outrossim, tenho que justificar esses passos na direção de uma apresentação dos penitentes por meio das minhas experiências antes de

² Historiadora graduada em licenciatura em história na UFCG ver referências.

³ Cemitério na zona rural Aurora sem data precisa de origem, segundo a tradição popular era lugar de sepulturas de pessoas vítimas de cólera em Aurora, CE. E termo bailarina, refere-se ao nome dado a cólera na região;

⁴ Penitentes da zona rural estão dois sítios distintos: penitentes do Espinheiro e Penitentes do sítio Salgadinho ou Cobra; Primeiro na região do Distrito de Ingazeiras e segundo do distrito da Vila Tipi. Grupo urbano são pouquíssimos homens que integram alguns rituais nos outros grupos.

qualquer noção de etnografia, história, antropologia, pesquisa e o nascimento desse texto, como um cerne.

A problematização mister desse ensaio está amparada na reflexão sobre as práticas, identidades e performances religiosas dos penitentes, a partir de suas vestimentas, benditos e rituais. Uso de fotografias do ritual da autoflagelação na sexta-feira santa de 2018 é o fio condutor de reflexões sobre identidades, práticas e performances.

2 A AURA EM TORNO DOS PENITENTES: UMA FÉ NA CARNE

Outro passo necessário é apresentar um pouco a cidade de Aurora CE. Município do interior do estado do Ceará localizado na região sul, costumeiramente dita como Cariri cearense.

Nessa região é também conhecida sua rica religiosidade que embora consorte com a fé em torno da figura do Padre Cícero, de Juazeiro do norte, no entanto, cada pequena cidade satélite da região tem algumas especificidades, a exemplo, Aurora tem um quadro de religiosidade repleto de mártires, estátuas, festas religiosas, rezadeiras, benzedeiras e os penitentes próprios. E até mesmo entre os penitentes dessa localidade há convergências, divergências e interfaces em torno das práticas.

Todavia, estudos sobre irmandades de penitentes, outrora, eram focalizados apenas no binômio entre Barbalha CE e Juazeiro do Norte CE, no entanto, pesquisas como está em torno dessa religiosidade estão extrapolando essas urbes e chegando às cidades do entorno da região do Cariri, como Aurora CE.

Pesquisador elege como sendo uma necessidade enorme mais pesquisas e estudos em torno desses penitentes por fatores como: decuriões e muitos dos penitentes são senhores idosos; inclusão de cidades e cosmogonias como Aurora CE, Milagres CE entre outras e a relevância de recursos audiovisuais no entendimento desses homens e suas práticas. Assim compreender que a necessidade de trabalhos acadêmicos e diversos pesquisadores se dá pelos motivos expostos e também pelo aparato de uma perspectiva livre ou senão problematizadora em torno dos penitentes. Estudos questionam a mídia, questionam a historiografia metódica positivista local e tantas outras possibilidades.

Esta pesquisa tem como fundamento analisar por meios de fotografias e vídeos o ritual da autoflagelação⁵, alertai⁶ e benditos entoados numa sexta-feira santa no ano de 2018. O recorte temporal remonta ao uso de uma noite de sexta-feira santa anterior ao período da pandemia do covid-19, pois com agravamento dessa situação alguns grupos recolheram-se e não atuaram em seus principais rituais.

Dessa maneira, trata-se de uma análise visual sobre essas práticas penitentes e para isso é necessário todo aparato de suporte teórico, metodológico e epistemológico em torno da história Cultural e uma conversação sobre a relação

⁵ Ritual de flagelo prático por algumas irmandades de penitentes, também denominado em estudos nessa seara como “autoflegelações”. O ritual tem suas especificidades de acordo com cada Irmandade de penitentes, assim nem todas fazem e as que realizam tais “performances” carregam significados próprios, por exemplo, A Ordem da Santa Cruz realiza tal flagelo de sangue às sextas-feiras.

⁶ Um ritual contínuo de rezas comum no catolicismo popular acompanhado de súplicas reiteradas de perdão. Esse ritual como nomes de vestimentas, outras práticas e hierarquias no grupo, a exemplo do termo decurião é uma assimilação de um “latim” próprio desses grupos,

entre história e antropologia. Além de uma revisão bibliográfica necessária sobre os penitentes da região do Cariri cearense.

Há uma aura mística, mitifica e encantadora em torno desses homens que são vistos sobre um espectro e um simulacro com a comunidade rural e o divino que resiste, persiste e representa um aparato religioso católico não oficial, mas horizontalmente importante. Um povo que acredita nas orações desses agricultores como purificação, como ritualística sagrada etc.

Antemão apenas pelas fotografias fruto somente da noite da “sexta-feira santa” nota-se em si um leque de possibilidades reflexivas e consortes com tais conceitos – chaves. Imagens que refletem, representam e petrificam práticas não como atos puros, mas verbos como fenômenos.

Em torno dessa cosmogonia há uma órbita ou aura, aliás, é delimitada pelos conceitos, como catolicismo popular, religiosidade, misticismo, mítico, rituais, ordem, irmandade, comunidade, identidades etc. Por isso, é relevante visualizar três grandes terrenos que complementam um roçado ao qual cultiva-se essa fé: essa aura e seus adjetivos, práticas e noção de acordo entre eles com passado, Deus e a comunidade e ideia de unicidade compartilhada como ordem.

Todavia, nem todas essas palavras ou concepções teóricas explicam ou fazem uma síntese “esvaziante”, no sentido de tentar apurar e transpor em discussões acadêmicas, religiosas e epistemológicas todo peso místico e sagrado expresso no rosto desses agricultores penitentes, ou seja, não explicaria numa totalidade signos tão fortes, a exemplo, associação da paixão de Cristo com ritual da autoflagelação. Mas ao tocante a essa categoria dos rituais ocorrem discussões ricas e profundas sobre essa religiosidade, performances e práticas no meio acadêmico cientes dessa labuta.

Nessa perspectiva:

Os rituais de penitência modificam-se no tempo, contexto e localidade. Alguns se flagelam com objetos cortantes enquanto cantam, outros carregam objetos pesados em longas caminhadas, dançam exaustivamente, privam-se de bens materiais e confortos “terrenos” (OLIVEIRA FILHO, 2013, p.5).

Muitos pesquisadores, a exemplo de Oliveira Filho, estão atentos às outras questões teóricas e metodológicas relevantes como uso do penitencialismo, como o aparato de práticas, crenças, rituais, costumes e identidades. Entendimento desses homens como um plural, ou seja, a nova historiografia sobre a temática está atenta às especificidades e ao mesmo tempo as congruências plurais e singulares na construção da identidade de um penitente.

No entanto, não há como fazer uma pesquisa, uma análise ou uma produção acadêmica sem fazer uma discussão necessária sobre essas palavras relevantes. Há conceitos como religião, religiosidade e catolicismo popular com um campo epistemológico maior e que abarca não apenas tais grupos, mas uma totalidade de incontáveis campos de atuações da fé⁷. Sobre esse catolicismo para Carvalho, não é apenas popular, outro catolicismo ou não oficial, porém um campo diferenciado:

O catolicismo diferenciado é a categoria que mais se destaca por apresentar um número significativo de adeptos e pelos rituais que estão inseridos nessa ordem: procissões, romarias, trezenas, novenas, renovações, festas dos santos padroeiros, sacrifícios, autoflagelação,

⁷ Na região do Cariri cearense é rica em mártires, beatas, rezadeiras, penitentes, romeiros, culto aos Padre Cícero etc.

pagamento de promessas, irmandades de leigos penitentes ou não, entre outros (CARVALHO, 2007, p.63).

Carvalho oferece outra possibilidade analítica, pois na concepção dela há uma esfera de questões, ações, rituais e personagens maiores que qualquer outra denominação. Há também fundamentações teóricas que possuem um significado mais consonante com as particularidades em torno das práticas e rituais como: penitencialismo, irmandade, ordem, comunidade etc.

Porém o conceito de catolicismo visto como “diferenciado”, segundo Carvalho, torna-se mais um conceito-chave na análise do campo simbólico, histórico e etnográfico. A pesquisadora aponta que o termo catolicismo popular tem alguns problemas epistemológicos e sociais, outrossim, delimita a visão do catolicismo diferenciado como essencial.

Dessa forma, com essa ideia de um catolicismo diferenciado o tripé: “*Ordem, Irmandade ou comunidade*” são mais questões relacionadas às identidades, nomenclaturas, liturgias e especificidades, não são antônimos ou meros sinônimos, apenas no meu entendimento diante da revisão bibliográfica como formas de direcionar os grupos variados de penitentes. Dentro da historiografia do assunto são temas usuais, algumas vezes mesclados. Aqui usarei a terminologia “*Ordem*”, pois é assim grupo analisado se reconhece.

Figura 1: Penitentes segurando a santa cruz no altar do padre Cícero



Fonte: SANTOS, acervo pessoal (2018)

Nota-se na imagem que as vestimentas são parecidas. Há três penitentes frente ao altar e toda a diversidade de santidades no altar ou na parede de taipa. Há dois grupos bem estruturados na minha perspectiva o que estudo e outro do sítio Espinheiro.

Outrossim, em linha gerais os penitentes da “Ordem da Santa Cruz”, tem esse nome por causa de uma antiga prática entre os mais variadas ordens da região de sempre reverenciar, carregar ou ter nos rituais alguma cruz. A cruz está na fé, no nome e nos rituais.

Segundo Oliveira Filho (2013, p.5):

Os rituais de penitência modificam-se no tempo, contexto e localidade. Alguns se flagelam com objetos cortantes enquanto cantam, outros carregam objetos pesados em longas caminhadas, dançam exaustivamente, privam-se de bens materiais e confortos terrenos (OLIVEIRA FILHO, 2013, p.5).

Dessa maneira, essas práticas sempre remontam e necessitam de sacrifícios, esforços e penitências. É sabido que essa tradição de ter uma cruz em seus rituais de penitências em mais variados ramos do penitencialismo. Não é exclusivo dessa comunidade. Assim como, a “Santa Cruz” se faz presente como recado da imitação da maior penitência que houve nos imaginários desses homens, sacrifício de Cristo. Observa-se a cruz na fotografia.

Perante essas duas perspectivas: “O macro” que está direcionado aos conceitos mais largos como religiosidade, catolicismo e outras fundamentações mais internas, direcionados às peculiaridades como penitencialismo. Destarte, é importante mencionar que elas são apenas separações de cunho teórico e metodológico utilizado como uma ferramenta analítica. São as minhas enxadas e são minhas vestimentas ritualísticas. Todavia, também há a possibilidade da compreensão de tais conceitos como um terreno amplo e único.

Destarte, considero que há fundamentações teóricas que costuram esses conceitos com práticas, identidades e a dimensão da crença. Entre os conceitos que adornam e funcionam como fio condutor da teoria, inclui o termo misticismo, entendido como a personificação da aura sedutora ou repulsiva e como um sentimento parte deles, como algo interior.

Machado remete termo misticismo ausência da igreja:

(...) As dificuldades da Igreja Católica em abranger as áreas mais distantes, entre elas o interior do Ceará possibilitou que as populações interioranas desenvolvessem um catolicismo denominado popular, marcado pelo misticismo religioso como veremos adiante. No decorrer da pesquisa pude perceber que o mito fundador dessa atividade na região foi atribuído ao padre missionário Ibiapina. (MACHADO, 2014, p. 20).

Longe dos braços da igreja mais centralizadora segundo a perspectiva de Machado, por essas brechas e portas nasce um catolicismo popular. A pesquisadora chega a traçar um paralelo entre a necessidade de um misticismo religioso, justapõe a um emergente catolicismo popular como sementes de nascedouras de crenças e práticas como os penitentes.

Mitifico também tem essa denotação, porém este se relaciona mais ao caráter de lendário, assim como ouvia causos e as crenças nesses homens e todo mito em torno da cosmogonia em torno desses homens ávidos por um sentimento de missão, de imitação da dor de Cristo e da mitologia em torno das suas origens. Uma gênese, de acordo os penitentes, não para a historiografia, remonta a um tempo (imemorável tão longe quando Padre Ibiapina ou Padre Cícero, tão distante quando São Francisco e tão longe quando a fé católica. Um tempo mitificado. Uma fé mítica e mística que geram essa névoa em torno desses lavradores de pecados.

A união da experiência dos penitentes com os “desafios da modernidade” é um ponto importante que pretendo desenvolver nesta pesquisa. De forma muito embrionária, percebo que os integrantes dessa irmandade performam essa hibridação cultural ao mesmo tempo que lutam por manter determinados esquemas rígidos de disciplina e fé.

2.1 As práticas: o flagelo, a carne e o sangue

Antes mesmo de adentrar em questões de identidade, performance e ressonância culturais é relevante apontar e analisar frente às funções simbólicas de algumas práticas. E como toda essa cosmogonia é espelhada em atos religiosos. Assim ser penitente é deter para si um leque de especificidades que percorre experiências, práticas e utensílios além de vestimentas.

Porém, não será apenas um desenvolvimento de exposições das práticas do penitencialismo puro, pois é necessário entender como tais ritualísticas constroem ou mesmo elucidam o que penitencialismo e sua manifestação nesta ordem. Uma das práticas mais comum na ordem da santa cruz é o *alerta*⁸ ao qual grupo reunido entoam benditos e preces constantes de perdão, socorro e reverência divina. Nesse momento os religiosos estão dispostos frente ao altar, ou cruzeiro e estátuas, pois é um ritual que pode ocorrer em diversos momentos.

Outra questão que torna as práticas dos penitentes destoantes não é apenas a forma pela qual as práticas ocorrem, porém diferenciam pelo calendário. A ordem da Santa Cruz usa muito o dia da sexta-feira santa para seus rituais e mística. Outros grupos têm outras datas importantes.

Era dia 02 de Novembro de 2012, um dia de finados, momento especial no calendário católico, cheio de significados para o imaginário popular. O senhor de roupas azuis estava no centro do cemitério fazendo pregações de cunho místico, apocalíptico e arrebatava de entusiasmo quem por ventura passasse por ali. O seu nome é João José Aves de Jesus e ele é um Penitente Peregrino Público. Buscamos compreender as práticas e modo de visão do mundo desses penitentes, tendo como ponto de partida a ideia dos castigos divinos como uma espécie de motor que faz o penitente trilhar a sua vida. (OLIVEIRA FILHO, 2017, p. 13)

O dia de finados para os penitentes da de Juazeiros do norte tem todo um significado diferente da ordem da santa cruz uma vez que a cidade deles vivência romarias no dia de finados e há toda uma dinâmica diferente. A ordem da santa Cruz usa o dia de sexta-feira santa como essa data mister de práticas.

A autoflagelação ocorre geralmente na sexta-feira santa, ou seja, é uma prática marcada no calendário do catolicismo e como é um ritual mais denso, pois tem a duração de uma madrugada completa e um conjunto de outros rituais em comunhão. Dessa forma o *alerta* pode ser realizado na mesma data de cerimônia que ocorre o flagelo, mas autoflagelação não ocorre em todo alerta.

A autoflagelação também não é também único ritual embutido de simbologia, misticismo e teor mágico religioso, todos rituais rememoram por meio de penitências a dor, paixão e morte de Cristo como ato mais puro de penitência e reflexo para estes homens. Dessa forma, observa-se na imagem a seguir flagelos, sangue e carne ferida.

O terço dos penitentes são longos e acompanhados por cantigas para padre Cícero, nossa senhora e demais santos católicos e este ocorre às vezes por pedido

⁸ A palavra em si possui um peso simbólico, trata-se de um alerta e muitas vezes usado como introdução de algum outro ritual posterior ou mesmo acompanhado com a oração. Quando estive em um ritual de sexta-feira santa antes da pandemia do (em 2018 e 2019) notei o peso desse ato porque denota a introdução principalmente da ontologia e funciona como “alerta” a principal função dessa ordem: clamar ao divino por perdão.

de um morador da comunidade, de uma renovação carismática ou por promessas alheias que envolvam os penitentes.

Sobre os benditos ou canções:

Sobre as canções que eram entoadas, durante as procissões, podemos inferir que a tonalidade da voz eminente criava vínculos de identificação entre os moradores das comunidades próximas. Dessa forma, embora apenas alguns devotos acompanhassem ou direcionassem seus olhares para o cortejo do grupo, os penitentes eram identificados pelo timbre de suas vozes. (SANTOS, 2012 , p. 33)

Como diz o pesquisador, a tonalidade dos benditos dos penitentes possui uma tristeza, melancolia, ritmo e piedade. É tão característico o som dos penitentes que mesmo sem observação deles é possível de longe identificar estes homens. São geralmente canções costumeiras do catolicismo popular ou são versos em torno de uma aclamação de perdão pelos pecados.

Figura 2: Penitentes em flagelação



Fonte: SANTOS, acervo pessoal (2018)

Outro ritual costumeiro e às vezes não tem ou tem ligação com rituais da semana Santa uma vez que eles aparecem em outros momentos e contextos são as orações direcionadas às santidades locais e como há menções de um latim ou uma linguagem por eles entendido como latim na oração.

O medo, estranheza e distanciamento em torno da figura desses religiosos estão condicionadas a essa ideia de homens por meio das suas canções e por meio de suas práticas ser sempre ou quase revestidas de uma áurea de mistério das madrugadas, de cemitérios, estradas e de uma penitência sofrida ou ideia de dor.

Doravante, essas práticas iniciaram em Porteiras na mesma região de Aurora de forma parecida, pois:

Em Porteiras, não temos indícios temporais sobre o surgimento das práticas de penitência. Acreditamos que a atuação de grupos de penitentes possui raízes sócio- culturais diversas, por ter sido, nos séculos XVIII e XIX, um ponto de passagem de viajantes entre as províncias do Ceará e Pernambuco. Porteiras foi marcada pelo processo de formação sócio-religiosa, na qual a presença de missionários e a existência de

confrarias religiosas tiveram grande relevância, como é o caso da passagem do Padre Ibiapina (...) (SANTOS, 2012, p. 30).

Interessante como o surgimento dessas práticas sempre é relacionado às figuras do Padre Ibiapina e alguns missionários da época nesta região. Alguns historiadores associam a criação das ordens de penitentes por meio dos sermões desses sacerdotes embutidos pela pedagogia da “romanização” da igreja católica frente ao mundo moderno e surgimento de “bestas feras” daqueles tempos.

A ortodoxia da igreja católica era buscada e pregada por suas figuras pelo nordeste. No entanto, não podemos cravar que foi apenas esses fatores ou nesse momento em específico de pregações do Padre Ibiapina ou da dogmatização da Igreja, ou seja, essa casca que edificou em si a perpetuação e origem do penitencialismo, mas certamente foram aspectos relevantes.

Muitos grupos buscam suas origens na Europa, nos tempos de Cristo etc. para esses homens ser penitentes é algo de tempos longínquos e não de um determinado padre apenas, apesar de figura ressamte nos benditos e rezas. Mais importante que origem é saber o papel enorme que essas práticas têm na religiosidade local.

3 O SANGUE DA SEXTA-FEIRA SANTA

Destarte, compartilhar uma experiência histórica pautada na metodologia da etnografia e seus meandros, dificuldades e possibilidades no ano de 2018 e 2019, especificamente na noite da “Sexta-feira Santa” delimitando aspectos inerentes a um estudo de cunho etnográfico, mas realizado por um historiógrafo.

Os aspectos que circundam a prática da etnografia no campo epistemológico da história e suas contribuições para desenvolvimento dessa pesquisa e demais pesquisas correlatas, partindo do pressuposto da relevante atribuição e conversação entre história e antropologia, principalmente com esse objeto de estudo, pois trata-se de uma comunidade de penitentes repleta de simbologias, representações, laços socioculturais com a história local.

É necessário proporcionar uma reflexão historiográfica que exige uma aproximação com algumas fontes e ferramentas metodológicas que cercam a experiência dessa ordem de penitentes.

Além das narrativas orais, que formaram a principal base documental da pesquisa, observei na noite da pesquisa a necessidade de um diálogo com a produção iconográfica do (e sobre) o grupo. Destarte, a experiência proporcionou reflexões sobre a complexidade envolvida nas relações dos penitentes com a comunidade a que eles pertencem. Esses sujeitos desempenham diversas atividades em seu meio social: rituais de cura (rezas), renovações e promessas, principalmente.

Apesar disso, existe uma relação de tensão entre as práticas do grupo e aquilo que a comunidade considera como “socialmente aceitável”. O maior embate refere-se aos rituais de autoflagelação que ao mesmo tempo maravilham, espantam os olhares entre as orações e o sangue.

Essa experiência teve como pressuposto e norteamento analisar as práticas, rituais e acontecimentos naquela noite, mas sem dissociar de uma visão mais complexa, e não reduzir ou pormenorizar tal grupo a uma ritualística apenas, dessa maneira direciona um olhar histórico, etnográfico e cultural a um grupo de homens

concebidos como penitentes diferentemente de outra historiografia que lhe adjetivavam como excêntrico, bizarro ou fanático.

Essa experiência de cunho etnográfico demonstrou que há diálogos com determinados aspectos da religiosidade católica leiga em Aurora no Cariri Cearense que são permeados por uma pluralidade de concepções místicas e simbólicas como as ordens de penitentes existentes no município. Como demonstra a imagem a seguir.

Figura 3: Penitentes ao início da autoflagelação



Fonte: SANTOS, acervo pessoal (2018)

Essa experiência pretendeu estabelecer uma interlocução com a representação mística e simbólica destes penitentes no contexto cultural desta localidade e suas ressignificações com essa “modernidade” e com os aspectos místicos, míticos, simbólicos e religiosos em torno da noite em questão.

Os “caminhos da penitência” fogem das filiações teóricas, dos caminhos homogêneos de “tradução” de práticas tão complexas em uma “linguagem acadêmica”. No entanto, algumas reflexões teóricas do campo historiográfico (e de outras ‘ciências sociais’) parecem aceitar esse desafio e contribuir para a construção dessa pesquisa/ relato de viagem, entre o sangue, a voz e as orações desses sujeitos.

As fontes iconográficas foram relevantes, pois foram produzidas ao longo da pesquisa a partir do estudo de campo com somatório dos registros fotográficos do arquivo pessoal e imagens expressas em períodos como revistas e jornais sobre esses penitentes aurorenses. Elas são importantes não porque são ilustrativas ou fontes materiais, mas por denotarem em cada ângulo e possibilidade uma reflexão do que está sendo pesquisado.

A fonte visual tem como foco tornar esse trabalho uma pertinência social exterior ao campo acadêmico e ao mesmo tempo fundamentá-lo. Com as fotografias foi verificado as nuances culturais em torno dos rituais, vestimentas e cânticos destes. Outrossim, “(...) e que a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais - concretos, materiais” (LOIZOS, 2002, p.137).

Posto assim as especificidades da pesquisa, problematização e metodologia utilizada, é essencial mencionar que a etnografia como ferramenta de

método de pesquisa historiográfica é possível por meio de uma carga epistemológica que emergiu na aproximação entre história e a antropologia, destarte, do nascedouro daquilo que os historiadores denominam como a Nova história, da História cultural e da Nova história cultural.

Sobre a história Cultural, diz Silveira (2007):

A situação atual do conhecimento histórico, na perspectiva da Nova História Cultural, propõe-nos de certa forma uma volta à origem de Clio. A ampliação do conceito de fontes nos estudos históricos passou a enfatizar e a utilizar em larga escala as representações na construção do conhecimento (SILVEIRA, 2007, p. 36).

Dessa forma, compreende-se que a principal contribuição em torno da Nova História Cultural é ampliação da ideia de fontes históricas, conceitos teóricos, epistemológicos e, sobre a própria função da história, do historiador e preceitos metodológicos, teóricos e epistemológicos, destaque a ampliação destes.

Outrossim, Silveira (2007) também tece comentários sobre o que denomina de “historiador etnográfico”:

Essas transformações, no campo da produção do conhecimento histórico, sobretudo com a influência da Antropologia, têm configurado um novo perfil de historiador: o historiador etnográfico. Robert Darnton, em *O grande massacre de gatos...*, utiliza a expressão-conceito, dizendo que “o historiador etnográfico estuda a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo”. Nessa citação, percebemos uma das dificuldades da Nova História Cultural no seu alargamento de fontes: a diversidade de conceitos. Quem são pessoas comuns? O que é ser comum? É o mesmo que perguntar: quem é povo? O que é cultura popular? (SILVEIRA, 2007, p. 37).

Essa categoria de historiador etnográfico delimitado por Silveira (2007) numa dialógica com Darnton apresenta esse historiador como é um apêndice relevante da carga histórica e da historicidade das produções historiográficas ao longo do século passado e nessas primeiras décadas do atual século. Muitos historiadores que tem como anseio edificar estudos sobre um passado recente, tempo presente e comunidades no coetâneo, sendo assim origina-se essa categoria de “historiador etnógrafo” ou de historiador voltado ao tempo presente.

Dessa forma, é perceptível menciona a contribuição e a relação presente entre etnografia e história no campo teórico e metodológico, ambos se complementam em uma espécie de hibridismo ou uma simbiose, e um necessariamente não sobrevivem, ou vivem mal, sem outro. As concepções etnográficas foram sendo formuladas e reformuladas no decorrer da experiência, das leituras prévias e na produção deste texto.

Destarte, como afirma Peirano no seu texto “Etnografia não é método” (2014), uma boa pesquisa etnográfica é, sobretudo, uma concepção teórico-metodológica, pois para ela:

Uso esse exemplo conhecido para ressaltar mais uma vez o fato fundamental de que monografias não são resultado simplesmente de “métodos etnográficos”; elas são formulações teórico-etnográficas. Etnografia não é método; toda etnografia é também teoria. Aos alunos sempre alerta para que desconfiem da afirmação de que um trabalho usou (ou usará) o “método etnográfico”, porque essa afirmação só é válida para os não iniciados. Se é boa etnografia, será também contribuição teórica; mas se for uma descrição jornalística, ou uma curiosidade a mais no mundo de hoje, não trará nenhum aporte teórico (PEIRANO, 2014, p. 383).

Dessa forma, é perceptível menciona a contribuição e a relação presente entre etnografia no campo teórico e metodológico, ambos se complementam em uma espécie de hibridismo ou uma simbiose, e um necessariamente não sobrevivem, ou vivem mal, sem outro. As concepções etnográficas foram sendo formuladas e reformuladas no decorrer da experiência, das leituras prévias e na produção deste texto.

Sobre esse dilema, o pesquisador Oliveira Junior (2014) menciona no seu texto algumas angústias sobre a relação de observador:

O pesquisador está lá, sua presença e sua ação não há como escamotear. É um “corpo estranho”, um intruso, contudo, não se trata aqui de ceder lugar ao especialista, á palavra autorizada do expert em detrimento da dos penitentes, mas evidenciar essa ação exógena e suas consequências do ponto de vista da construção do discurso sobre o fenômeno (OLIVEIRA JR, 2016, p. 392).

O pesquisador é cirúrgico ao refletir em seu texto sobre a relação entre o eu, o pesquisador e eles, objeto de pesquisa. Dessa forma, entende-se que não é um método fácil manuseio e requer muitos cuidados éticos, metodológicos, teóricos, historiográficos e uma carga de leitura que propicie a melhor percepção e problematização sobre essa temática.

Dessa maneira, o trabalho com os penitentes da *Ordem da Santa Cruz* se fez necessário logo de início ser uma busca por uma metodologia que ajudasse a compreensão homem e tempo na concepção de um historiador que usa etnografia.

3.1 As performances desses penitentes: práticas, rituais e identidades

O cerne dessa discussão é sobre práticas e suas simbologias em torno da construção de um penitencialismo da Ordem da Santa. Como uma tarefa hercúlea, ou seja, não tão fácil requer também diálogos não tão óbvios ou menos usuais. Por isso usarei um conceito comum na antropologia, no teatro etc.

O conceito de "desempenho" de Schechner encaixa nessa perspectiva quando a possibilidade analítica em torno de fotografias e ritualística dos penitentes demonstra toda uma metamorfose e ao mesmo tempo embutido de uma edificação em torno de um ser que dialoga com divino a sua maneira e por laços culturais intrínsecos a ontologia e funcionalidade dessa religiosidade.

Com outras palavras estou atribuindo e assumindo essa postura de reflexão sobre autoflagelação, alertai, terço, benditos entre outras práticas naquela sexta-feira santa ou qualquer cemitério ou estrada de terra da zona rural de Aurora por meio do espectro de análise e possibilidades epistemológicas em torno de uma ideia de “performancidade”.

Schecher delimita que seu conceito de “performance” comporta-se além do campo da arte, pois:

No contexto dos negócios, do esporte ou do sexo, dizer que alguém fez uma boa performance é afirmar que tal pessoa realizou aquela coisa conforme um alto padrão, que foi bem sucedida, que superou a si mesma e aos demais. Na arte, o performer é aquele que atua num show, num espetáculo de teatro, dança, música etc. Na vida cotidiana performar é ser exibido ao extremo, sublinhando uma ação para aqueles que assistem. No século XXI, as pessoas tem vivido, como nunca antes, através da performance. Fazer performance é um ato que pode também ser entendido em relação a: ser,

fazer, mostrar-se fazendo, explicar ações demonstradas (SCHECHER, 2003, p.24-25).

Dessa maneira, o teórico entende que seu conceito é para além do campo da arte e suas linguagens é algo presente no cotidiano e interinamente ligado às categorias que formam sujeitos como ser, fazer, mostrar, demonstrar e explicar. Essas palavras são também relevantes nos estudos das práticas dos penitentes principalmente quando a principal fonte trata-se de fotografias de um ritual, senão de uma performance. Conforme, observa-se nas imagens a baixo.

Figura 4: Os penitentes em oração



Fonte: SANTOS, acervo pessoal (2018)

Em termos menos teóricos e mais didáticos a nomenclatura da ordem já denota a importância do primeiro signo de performance nessa transfiguração do simples agricultor em um ser dotado de uma missão divina. Outras comunidades têm suas performances convergentes e divergentes com a ordem aqui estudada à luz das fotografias. E tais fotografias apesar trazer sangue, corpos, rostos, parede de taipa ainda sim são retratos de um ritual ou de uma performance. Quantas outras performances, práticas e simbologias há nesse grupo longe dos olhares de pesquisadores?

Observa-se a imponência nas imagens da "santa cruz" que nomeia a irmandade e ao mesmo tempo estampam suas vestimentas. A cruz tem o peso de ser simulacro da maior penitente e seu maior sacrifício. As cruzes vermelhas nas vestes e capuzes trazem o signo do sacrifício por sangue como alegoria de purificação da carne assim como ato do flagelo é uma performance da imitação da paixão de Cristo e como amor divino é livre de dor ou queixas.

O sangue escorre e os pecados daquele ano, daquele grupo, daquela comunidade estão quitados com o cordeiro de Deus. Ser penitente é um cargo enorme responsabilidade e entre elas é a de refazer aquilo dito, ensinado e lembrado pelo padre Cícero e outro leque de grandes santidades da religiosidade católica popular.

No entanto, mesmo nesse recorte e nessas fontes históricas visuais demonstram um pouco da mística, da fé e das práticas penitentes do sítio

Salgadinho. Outro conceito teórico e também metodológico usado como uma interface com a perspectiva analítica da performancidade está termo "identidade" ao qual Schecher também correlaciona com a seu conceito de performance, segundo ele:

Performances afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias. Performances artísticas, rituais ou cotidianas são todas feitas de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que têm que repetir e ensaiar. Está claro que fazer arte exige treino e esforço consciente (SCHECHER, 2003, p.27).

Ele relaciona identidade com um elemento importante e que orbita a concepção teórica de performance, no entanto também condiz segundo o teórico compreender sua ideia como um repertório de atos pensados, restaurados, rememorados, pensados, treinados e que contam histórias, sobretudo, ajudam na edificação de identidades. Dessa maneira o conceito de performance está condicionado à perspectiva de afirmação de identidades. Destarte, nota-se tais elementos na próxima imagem como vestimentas, capuzes etc.

Candau também apresenta o conceito de identidade entrelaçado a outro conceito em simbiose com este, pois para o pesquisador aparato da concepção de memória é interligado com a categoria de identidade. Pesquisador também visualiza inúmeras questões sobre elementos, características, concepções e maneiras de compreender e operar a palavra identidade para além de um conceito apenas subjetivo e epistemológico.

Ainda sobre a relação memória e identidade ele frisa que:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento (CANDAU, 2016, p.16).

Candau assim não apenas relaciona um conceito com outro como também apresenta dois como um alimento para outro. Pensar em identidades é despertar representações e dialéticas de memórias, pois de alguma forma aquele signo de pertencimento ao grupo tem laço de origens, de historicidades e sociais.

A memória, por exemplo, em torno de uma origem mística remontada aos sermões do Padre Cícero ou Padre Ibiapina tornam os penitentes além de servos de uma missão divina passada por tais figuras, mas recria e remonta suas identidades, seus lastros de pertencimentos e significações de suas performances.

Por isso não consigo apenas eleger um conceito e dele esgotar possibilidades teóricas, metodológicas e epistemológicas quando um conceito "puxa" outras possibilidades analíticas. Destarte seja Candau em seus estudos sobre identidades, memórias e comunidades ou Schecher com seus trabalhos com a palavra "performance" ambos são necessários em um ensaio como este que busca tecer um tapete sobre práticas, ritualísticas e simbologias.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa como tinha seu cerne a análise visual sobre signos de identidades, performances e aspectos socioculturais de uma comunidade no tempo presente e ao mesmo tempo como um resultado de um ofício de historiográfico foi necessários recortes, tais como: fontes visuais, tempo presente e uma metodologia que agisse como cimento entre teoria, técnicas de análise e escrita.

Dessa forma, é usada uma metodologia condizente com o campo da história cultural e atende principalmente anseios epistemológicos, históricos e culturais de um trabalho revestido de uma pauta de história local. Para isso foi necessário uso de métodos em torno de fontes visuais e manuseio de fotografias. O uso dessas fontes levanta inúmeros cuidados, possibilidades e contribuições simbiose entre texto, visual e análise principalmente sobre práticas e performances.

Assim como os penitentes entendem sua lida na agricultura e na religião como uma ponte com divino e lavramento de pecados, a metodologia dessa pesquisa buscou ser pautado em arar bem a terra com uso preciso de fotografias, próximo passo foi semear e tecer um plantio com campo teórico da história cultural e por fim fundamentar esta escrita.

Uso da etnografia foi além de uma técnica ou campo metodológico da antropologia e neste caso usado na historiografia, mas funcionou como apuramento de elementos além das fotografias, mas seus bastidores, entornos, paredes, benditos e atos fogem a um retrato específico, mas em diálogo com este cria a aura mística e mítica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Muitos trabalhos estão sendo desenvolvidos à luz de técnicas, perspectivas e possibilidades teóricas e metodológicas em torno do penitencialismo na região do Cariri, tal como no município de Aurora. Há muitas possibilidades: oralidades, recursos audiovisuais, documentos díspares entre outros. Mas esse artigo usa das imagens como elemento além de fonte, mas como parte do texto, contexto e da contribuição dessa pesquisa no âmbito acadêmico e sociocultural.

Como um crente da importância da história pública deixa aberto ao acesso às fotografias realizadas nesta sexta-feira santa e outros momentos de etnografia. Reafirmo que arquivos estão abertos aos futuros historiadores obstatante comunicação. Entre outros resultados dessa pesquisa também enriquece campo expansivo em torno dos estudos de história local, ou seja, da historicidade e historiografia aurorense com e além da religiosidade. Por isso que essa produção é muito importante na contribuição da história local e mais um fruto de uma programa de pós graduação dedicado a essa premissa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, como as minhas lembranças da infância que foram cruciais na escolha dessa pesquisa e conduziu minha vida acadêmica, doravante esse artigo fez um percurso pautado em observar os entornos e contornos do dimensionamento epistemológico e histórico de práticas religiosas, signos simbólicos e performances. Dessa maneira, este artigo funciona como farol analítico de uma ordem de penitentes na zona rural aurorense. E toda minha fascinação de outrora torna-se viva na labuta como pesquisador.

Outrossim, a chave analítica usada da ordem dos penitentes da Santa Cruz foi compreender alguns rituais e ressonâncias culturais embutidos dentro da cosmogonia desses homens. Destarte, é nítido que o fio condutor dessa pesquisa da sua metodologia, problemática e uso teórico foi a compreensão de um fenômeno histórico no tempo presente por meio de rituais, vestimentas, bastidores de uma etnográfica e fotografias de uma mística sexta-feira santa em 2018.

Os penitentes foram analisados por meio de um caleidoscópio epistemológico acadêmico que valoriza não uma ontologia ou apenas identidades, mas seus fazeres, performances e aplicabilidade do mundo terreno e supra-terreno.

Outra abordagem elementar desse texto foi um malabarismo com uma cosmogonia mística, mítica e sagrada em torno de uma religiosidade entrelaçada a costumes de antepassados e "mandatos" repassados por figuras cristalinas como Padre Cícero e outros personagens importante da religiosidade católica. Esse ensaio também trouxe uma oxigenação sobre temáticas como uso do conceito de penitencialismo, práticas e religiosidade local.

Portanto, o direcionamento e campo de chegada desse percurso foram possibilitar mais uma pesquisa histórica pautada na valorização, análise e entendimentos de práticas religiosas, de homens comuns apregoados a uma missão messiânica e uma religiosidade pulsante no Cariri cearense. Que este trabalho seja um exemplo ou uma semente para outros inúmeros roçados historiográficos.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Joel Candau ; tradução Maria Lecicia Ferreira. - !. ed., 3a reimpressão. - São Paulo : Contexto, 2016.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CAMPOS, Roberta Bivar C. **Quando a tristeza é bela: o sofrimento e a constituição do social e da verdade entre os Ave de Jesus (Juazeiro do Norte-CE)**. Recife, Ed. Universitária da UFPE, (2013).

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Fé e Tradição Oral: Práticas Mágico-Religiosas Presentes nos Rituais das Irmandades de Penitentes do Cariri Cearense**. IN: Oralidades : Revista de História Oral / Núcleo de Estudos em História Oral [do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo]. -- Ano 1, n. 1 (jan./jun. 2007)-. -- São Paulo : NEHO, 2007.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **As irmandades de penitentes do Cariri Cearense e as práticas mágico-religiosas na (re)construção de bens simbólicos de salvação**. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003. Disponível: <http://anais.anpuh.org/?p=18938>. Acesso 29/02/2016.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da e da mística: um estudo das irmandades de penitentes no Cariri Cearense**. 1. Ed –

Fortaleza:EditoralMEPH,2011.Disponível://www.acsrn.org/interactivo/fscommand/GT05_FariasAnnaChristina.pdf. Acesso 28/03/2016.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHARTIER, Roger. **História Cultural – Entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

DAWSEY,JOHN COWART. **Schechner, teatro e antropologia**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011.

FERREIRA, Julio Cesar Campos. **Entre o rosário e a missão: análise sociológica do movimento milenarista Aves de Jesus**. 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Ciências Sociais, Ufpb (universidade Federal da Paraíba), João Pessoa, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MACHADO, Jana Rafaella Maia. **Entre cantos e açoites: memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade Barbalha-CE** / Jana Rafaella Maia Machado – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

MARIN, Louis. **Ler um quadro – uma carta de Poussin em 1639**. In: CHARTIER,, Roger. *Práticas da Leitura*. tradução de Cristiane Nascimento: introdução de Alcir Pecora. 5o. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

MULLER, Regina Polo. **RITUAL, SCHECHNER E PERFORMANCE**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 67-85, jul./dez. 2005.

NOBRE, Edianne Santos. **Festas e práticas religiosas no Cariri Cearense nos relatos de viagem (século XIX)** - anais do III Encontro do GT História das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR). V. III, n9, jan/2011. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso: 27/02/2016.

OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. **A outra face de Deus: as representações da ideia de castigo divino no grupo “penitentes peregrinos públicos” em Juazeiro do Norte**. XVIII Simpósio Nacional de História, 13, 2013, Natal. Anais... Natal: ANPUH, 2013.

OLIVEIRA FILHO, Roberto Viana de. **Passado perpétuo: os penitentes Peregrinos Públicos e o catolicismo penitencial em Juazeiro-CE (1970 -2016)**.153 f. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande - PB, 2017.

OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Wellington de. **Aurora dos penitentes: ensaio sobre metodologia da pesquisa etnográfica e produção audiovisual documentarista no caso das ordens de penitentes no cariri cearense.** IN: Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva. Org Igor de Menezes Soares; Ítala Byanca Morais da Silva. Fortaleza: Iphan, 2016.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método.** IN: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SANTOS, Cícero Joaquim. **A cruz que alumeia o mundo: narrativas memoráveis sobre os penitentes e a devoção à Cruz da Rufina, no sul do Ceará.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, Vol. 4 No 7, Julho de 2012. Disponível <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/119>. Acesso 26/02/2016.

SANTOS, Paulo Sérgio da Silva. **Oração e sangue: análise histórica da Ordem da Santa Cruz, os penitentes do Sítio Salgadinho, Aurora (CE) (2015-2018).** Monografia UFCG- CFP. Cajazeiras PB, 2018.

SCHECHNER, Richard. **O QUE É PERFORMANCE?** Tradução DANDARA. REVISTA DE TEATRO, CRÍTICA E ESTÉTICA • Departamento de Teoria do teatro do Programa de Pós-graduação em teatro da UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. UNIRIO. ANO Li. NII 12. 2003.

SILVA, Ana Maria Vieira da. **“Na intenção dos penitentes e do Judeu traidor”:** discussões acerca da penitência pela trajetória das irmandades da cidade de Cedro-CE. 2021. 131f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2021.

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico.** MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

TAVARES, Amarílio Gonçalves. **Aurora: História e Folclore.** 2a Ed. João pessoa PB, Avantes. 1999.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos estarão direcionados a uma pessoa que acreditou muito em mim e tinha orgulho colossal. Destarte, mesmo não sendo neto biológico eu sentia o carinho como se fosse. Fica registrado a minha gratidão à dona “Nega” ou Maria Olímpio André, vítima da covid-19. Outro agradecimento ainda na esfera pessoal será oferecido aos meus pais, minha avó materna Tereza Romeu de Moraes e a minha irmã Paula Clarisse da Silva Santos. Elas são minhas referências de humildade, vida e amor. Dedico também um obrigado aos meus amigos.

No campo acadêmico agradeço a professora Ma. Thuca por todo apoio e orientações epistemológicas no campo da historiografia. Agradeço ao núcleo de pós-graduação em estudos de história local e todos os professores, funcionários e colegas estiveram comigo nessa especialização.

Agradeço também a instituição da Universidade Estadual da Paraíba por sua excelência e importância na minha pós-graduação e vida acadêmica. Por fim, dedico meu maior agradecimento aos penitentes da Ordem da Santa Cruz, em especial seu Geraldo Caboclo por toda confiança depositada na minha função como pesquisador.